



Quando um conto aumenta um ponto na representação social: a mulher e o negro nos Suplementos Literários da Imprensa Recifense no século XX¹

Aline Maria Grego LINS²

Tércio de Lima AMARAL³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Os suplementos literários, com páginas e cadernos especiais, marcaram os jornais recifenses do século XX. As poesias, crônicas, contos e artigos literários revelavam, por vezes, o pensamento e os valores da sociedade pernambucana, em uma época marcada por transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. O objetivo desse artigo é apresentar como os suplementos literários recifenses enfrentaram essas mudanças e identificar, de modo particular, as representações sociais que apresentaram da mulher e do negro em suas páginas. Identificamos os suplementos produzidos pela imprensa recifense e que circularam com regularidade na capital pernambucana, pelo menos, durante um ano. Procuramos apresentar, ainda, os jornalistas que, atuando nesses suplementos, acabaram por enveredar pela literatura, a exemplo de Mauro Mota, Ariano Suassuna e Rubem Braga.

PALAVRAS-CHAVE: história social da imprensa; jornalismo literário; mudanças sociais.

Introdução

A imprensa brasileira, através da sua história, revela uma tradição na produção de páginas e suplementos literários. Em Pernambuco, os primeiros escritos literários foram registrados formalmente na segunda metade do século XIX. Já em 1º de fevereiro de 1831, o Diário de Pernambuco publicou o “Espelho das Brasileiras”, que atingiu apenas trinta edições. Mas, o pioneirismo do jornal, que cem anos depois pertenceria a cadeia de jornais de Assis Chateaubriand, não parou nessa época. O Diário também foi o responsável pela circulação do primeiro suplemento literário que circulou por mais de

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do curso de Jornalismo da Unicap. Coordenadora do Grupo de Estudos Mídia e Cultura Contemporânea Unicap/CNPq, email: amgrego@unicap.br

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap. Pesquisador do Grupo Mídia e Cultura Contemporânea Unicap/CNPq email: tercioamaral.pe@dabr.com.br



um ano - *O Album de Domingo* - totalmente produzido no Recife e que ocupou as páginas do jornal considerado o mais antigo em circulação na América Latina.

O *Album de Domingo*, posteriormente denominado *Segunda Secção* (termo utilizado também por outros suplementos da imprensa pernambucana), ganhou destaque a partir da década de 50, onde grandes nomes das letras da cidade do Recife e mesmo nacionais passaram a colaborar em suas páginas. O sucesso da literatura, na época, foi tão grande que o suplemento passou a contar com um caderno exclusivo no Diário de Pernambuco, sob a direção de Mauro Mota. Nele, jornalistas e intelectuais tinham na literatura uma segunda profissão, a exemplo do sociólogo Gilberto Freyre, o escritor Ariano Suassuna e o fundador do curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, Luiz Beltrão – considerado o primeiro Doutor em Comunicação do Brasil.

Outros jornais locais também se destacaram nesse viés literário. Em Recife, entre 1900 a 1950, por exemplo, existiram sete suplementos literários encadernados nos jornais da cidade e que foram produzidos e circularam, no mínimo, por um ano. Grandes impressos, como o Jornal do Commercio, possuíam suplementos literários com páginas dedicadas ao jornalismo cultural, que incluíam desde o cinema, até comportamento e literatura. Mas, pequenos jornais também atuavam nesse segmento e revelavam o pensamento de época sobre a mulher e o negro.

Esse é caso do jornal O Intransigente, que com a escassa contribuição de jornalistas e alguns colaboradores, produzia o *Artes, Literatura e Elegancias*, com a forte participação do poeta Esdras Farias, que dava conselhos a donas de casa sobre comportamento e mesmo as “dicas de um bom irmão”, que deseja, na maioria das vezes, ver sua irmã solteira.

Nos suplementos literários que tivemos acesso nos arquivos pernambucanos, foi possível observar, por exemplo, que as edições da primeira metade do século XX, quase sempre, apresentavam a representação de dois tipos de mulheres: a mulher ideal para casar, defensora da fé, da família e dos costumes, que poderia ser vista ainda no fim da metade do século, tais como nas reportagens especiais de Lêda Rivas no suplemento O Pernambuco. Ou a representação da mulher como símbolo sexual, presente nas páginas do Jornal Commercio, principalmente, com a influência da imprensa norte-americana na década de 40.

Esses mesmos suplementos na primeira metade do século XX praticamente não tratavam da questão da raça. A representação do negro, como foi possível notar, ficava restrita aos feitos do sociólogo Gilberto Freyre ou mesmo à constante defesa de



familiares de intelectuais considerados racistas, como Câmara Cascudo, na tentativa de preservar a memória.

O suplemento literário *O Pernambuco* destacava-se por ser um dos mais antigos e tradicionais do país. Sua produção começou em agosto de 1925, através do suplemento *Diário Literário*, que era encadernado no jornal do governo estadual de Pernambuco *Diário Oficial*. Por ele passaram nomes como os jornalistas Luiz Delgado, Silvio Rabelo e os poetas Ascenso Ferreira e Lucilo Varejão. Porém, apesar dessa longa trajetória pouco se sabe desse suplemento. No Arquivo Estadual de Jordão Emereciano, que cuida da preservação da imprensa recifense, até hoje ele não é arquivado. A Companhia Editora de Pernambuco afirma que enviou os exemplares, mas, no Arquivo Estadual, misteriosamente, não chegaram.

Por fim, vale assinalar que as produções dos suplementos literários da imprensa recifense, ao longo do século XX, eram repletas de ideologias. Estas, por sua vez, imprimiam um caráter quase sempre opinativo nos artigos de caráter histórico, como o *Suplemento da Folha da Manhã*. Claro que o jornalismo literário praticado nesses cadernos especiais, através de contos, versos e poesias estavam repletos de sensações e sentimentos daqueles que escrevem e dos que lêem.

É nesse sentido que chamamos atenção para a análise do discurso desses suplementos, pois as representações de algumas categorias sociais, a exemplo da mulher e do negro, integraram um conjunto de valores dos diversos aspectos sociais e culturais importantes do século XX, principalmente, do Recife e da região Nordeste do Brasil.

Um dos estudiosos contemporâneos que destacam a importância do discurso nos estudos midiáticos é o francês Charaudeau. Pois, segundo ele, (2006, p. 47):

As representações, ao construírem uma organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fossem o próprio real. Elas se baseiam na observação empírica de trocas sociais e fabricam um discurso de justificativa dessas trocas, produzindo-se um sistema de valores que erige em norma de referência.

As formas de representação da mulher e do negro

Os primeiros estudos sobre a representação feminina e sobre a representação do negro se devem, sobretudo, a historiografia francesa, através dos estudos do movimento e corrente revisionista da História Nova, liderada por Jacques Le Goff (2005), nos anos



80, que observou a trajetória dos marginais como instrumento para a ascensão de grupos sociais e étnicos que, na época, já lutavam por uma maior participação social. Um dos exemplos desses estudos é “A história dos marginais”, de Jean-Clauden Schmitt (2005). Para ele, a história também deve ser “vista por baixo”, principalmente, no que se refere aos estudos da participação e representação dos grupos sociais que estavam à margem do poder político e cultural. Nesse sentido, essas orientações teóricas marcadas por novas percepções metodológicas estimularam o estudo nos meios de comunicação em que esses atores sempre estiveram desprivilegiados, a exemplo da mulher e do negro.

Até uma data recente, a rejeição dos marginais não se limita à sua exclusão pelas classes dirigentes. Sobre esse ponto e a despeito da desconfiança das forças de oposição políticas ou sindicais tradicionais, uma mudança recente talvez seja perceptível. Pode-se pensar também que essa mudança não é estranha ao aparecimento de uma ‘história das marginalidades’. (SCHMITT, 2005, p. 383)

Em sintonia, ainda, com a teoria lingüística francesa contemporânea, observa-se a importância do estudo por outras vertentes do conhecimento, a exemplo da metodologia da adjetivação na análise do discurso proposta pelo filósofo Michel Foucault. Na produção dos artigos históricos, contos e poesias dos suplementos literários da imprensa recifense, pode-se constatar que algumas palavras trazem, na maioria das vezes, uma conotação negativa relacionada ao “homem de cor”, como mulato ou caboclo. Já com relação à mulher, as adjetivações, em muitos casos conotam a beleza, a sexualidade (seja como objeto de desejo masculino) e o cotidiano doméstico (fator determinante, a exemplo da representação feminina associada à dona de casa).

No presente estudo, a mulher e o negro apresentaram-se como duas categorias sociais “marginais” no processo sócio-cultural da cidade do Recife. Se na década de 30 e 40 a cidade vivia um apogeu econômico por ter o segundo maior porto do país ou mesmo possuir um dos maiores jornais do Brasil, o Diário de Pernambuco, quase nenhuma referência era dada a essas categorias específicas nos suplementos literários. Com relação ao negro essa rejeição se acentuava, por exemplo, por existirem correntes e teorias que o tratavam como uma etnia inferior à branca, e que justificava, ainda, sistemas econômicos sobre as rédeas do escravismo abolido no Brasil em 1889.

Já com relação ao gênero feminino, parte da produção historiográfica brasileira relata um processo de progresso através do século XX, com o direito ao voto na década de 30 e a maior participação no mercado de trabalho na década de 80. Mas, esses



avanços, sobretudo nos suplementos literários, e que, em boa parte, tinha como público o feminino, não tinha engrenado de forma satisfatória essas mudanças. Muito pelo contrário. Se esse era o contexto da imprensa nacional, no Recife essa realidade não era diferente.

Pode-se observar que a imprensa recifense abriu espaço em suas páginas, ainda que às vezes timidamente, para as conquistas femininas. Se, na primeira metade do século XX, a mulher era apenas uma dona de casa, em décadas posteriores, como os anos 70 e 80 algumas já escreviam e editavam os próprios suplementos. No Suplemento O Pernambuco, editado pela CEPE, é possível encontrar textos de jornalistas que já escreviam sobre o papel da mulher na sociedade, jornalistas que editavam as páginas especiais de literatura. Entretanto, apesar das reportagens serem escritas por mulheres, foi possível observar que a maioria remetia à dicotomia da representação do gênero feminino, que falamos no texto anteriormente.

Por exemplo, no artigo e entrevista com a pianista Josefina Aguiar, cedida a Leda Rivas, a mulher é representada como uma guardiã da cultura erudita, uma “dona de casa” que dedica a vida à cultura. Outros aspectos são destacados, como do olhar, meiguice ou mesmo “pureza”. Assim, destacou a jornalista em seu texto,

Líder do que chama *a turma da resistência*, o restrito grupo remanescente de um tempo que a cultura – literária, musical e artística – era tema de discussão corriqueiro nas casas das famílias de classe média, ela vê, com tristeza, a avassaladora vitória do mau gosto sobre o refinado senso estético que marcou a sua geração” (RIVAS, 1998, p.09)

O mesmo suplemento O Pernambuco recriou, na crítica literária de Amaro Quintas, o ambiente da vida familiar da escritora Virginia Woolf. Segundo ele, um lugar ‘pouco agradável’ por ter como amigos e, até o suposto marido, um mundo bissexual. Observa-se, assim, que a mulher que não apresentava o padrão estabelecido pela sociedade, ou seja, não sendo a dona de casa ou a diva do cinema, estaria à mercê de um julgamento público. Um aspecto interessante nesse artigo é que ele foi publicado já na década de 90.

Pergunta o repórter,

Em face dessas modernas conceituações sobre o relacionamento sexual, como afirmar ter sido Virginia Woolf, uma incompetente sexual ou uma inapetente sexual, diante das informações sugeridas pelo livro de seu sobrinho. Incompetente por temperamento, por distúrbio funcional, pela ação de ambiente

em que vivia, saturado de homossexualismo, ou por causa de Leonard, talvez mais entusiasta da intelectual, da grande escritora do que da mulher, da fêmea, preferindo extravasar as suas manifestações eróticas com outras do que com a autora de *Mrs. Dalloway*? (QUINTAS, 1986, 07)

Nem sempre, os avanços no tempo representam uma melhora, imediata, na qualidade de vida da sociedade ou nas mudanças dos seus valores culturais. Não diferente da realidade do O Pernambuco, a Segunda Secção do Jornal do Commercio, em plena década de 40, logo após a mulher conquistar o direito ao voto no país, focava sua produção em crônicas femininas apenas na possibilidade da mulher apenas preocupar-se com os encantos do gênero masculino e com a sua segurança financeira, a partir de uma visão dependente, ainda, do desempenho profissional ou do status social do homem.

A exemplo da matéria *Prometeu uma fortuna, mas só deixou dívidas* (1940, p.1), publicada na Segunda Secção do Jornal do Commercio, do Recife, o milionário norte-americano, Bob Hague, seduzia diversas mulheres por sua fortuna e poder, pois, “as moças com quem passeou” faziam parte do cotidiano do empresário. Casado com Mary Lewis, ele deixou para grande parte de suas amantes dívidas. Basta salientar que, na época, poucas mulheres haviam conseguido espaço no mercado de trabalho.

Moças com quem passeou e moças que amou (e já teve quatro esposas) acreditavam nele. Por que não? Ele possuía milhões e gastava como marinheiro de arribação. Sustentava actores, arranjava empresários para atrizes. Inundava as festas de champanha, era o membro mais jovial de mais de uma dezena de clubes (PROMETEU, 1940, p. 1).

É interessante destacar, também, que a matéria, sem assinatura, provavelmente é fruto de uma reprodução de reportagem escrita pela imprensa norte-americana. Nesse período, como destaca Buitoni (2009), a mídia brasileira estava fortemente influenciada pela indústria cultural dos Estados Unidos, principalmente, pelo mundo do cinema hollywoodiano.

As duas mulheres idealizadas pela mídia, e, por conseguinte, pela sociedade da época, que tratamos até o momento, sempre tiveram espaço nas produções dos suplementos literários da imprensa recifense do século XX, em especial da primeira metade do século. Segundo Buitoni (2009), a grande dama ou a dona de casa que abria mão de sua vaidade para cuidar dos filhos ou de uma obra social, como escola ou igrejas, foi mitificada através da imprensa no imaginário coletivo. Por um lado, a autora



também não abre mão do caminho inverso, no qual a imprensa registrava essa tendência como espelho de pensamento da sociedade.

Para a autora, um dos conceitos básicos criados foi o da representação da “mãe sofredora”, criado ainda no século XIX e mitificado, sobretudo, no início do século XX até as décadas de 40 e 50. Esse conceito, talvez, polêmico, ainda estava presente em parte dos jornais da imprensa recifense e brasileira. Principalmente, nos cadernos especiais de finais de semana que são encartados nos jornais, como as revistas de domingo.

Na imprensa recifense, notamos esse direcionamento em artigos de Graciliano Ramos e do poeta recifense Esdras Farias (século XX). Farias foi um dos grandes colaboradores dos suplementos literários da imprensa recifense. Ele transitou por diversos suplementos literários da capital, a exemplo da Folha da Manhã, O Estado, Jornal do Commercio e O Intransigente. Em um dos seus pequenos artigos, O Conselho de Irmão ele demonstra qual atitude mais esperada para uma irmã em sua época, garantindo que ser solteira ou se isolar do mundo, era o melhor caminho, pois “um espinho” que a arranhe sempre seria melhor do que “uma pedrada” da sociedade.

Diz o poeta,

Ser só; não ter ninguém que te acompanhe é esplendido. O destino é a mesma estrada. Pois, vae só. E um espinho que te arranhe sempre melhor será que uma pedrada. Esconde-te do mundo em teu retiro. Ama-te. Faz o bem. Sorri. Sê forte. Isto que te aconselho é o que prefiro (FARIAS, Esdras, 1919).

Por outro, a mulher sensual e, muitas vezes, simples objeto de consumo sexual masculino desfilava pelos suplementos literários da imprensa recifense sem a menor cerimônia. A crônica - conhecida como um gênero literário que o autor pode fiar seus comentários com total independência, dá o tom da década de 50, em que já havia, mesmo de forma restrita, uma mobilização da mulher no mercado de trabalho.

Em 3 de abril de 1937, um artigo da *Segunda Secção* do Jornal do Commercio, assinado por um dos mais respeitados cronistas brasileiros, Rubem Braga, intitulado *Crises de homens e crises de mulheres* chamava a atenção de seu público leitor. O autor narra as possíveis relações de gênero – entre homens e mulheres – comparando os costumes da arte de sedução dos moradores da cidade do Rio de Janeiro que habitavam e de alguns “habitantes do mangue”, mais suburbanos. O suplemento do JC reproduziu essa crônica, o interessante é notar que eles não deixaram explícito quais seriam os



habitantes e de que mangues falava Braga, o que pode ter causado equívocos, afinal, o Recife por ser uma cidade repleta de mangues e rios, talvez tenha entendido o texto como uma analogia do autor.

Segundo ele,

No Manguê as mulheres vendem o amor. E aquilo é tão escandaloso, tão escancarado, tão impudico, que não se pode mesmo dizer que seja um mercado de carne humana. É, antes, uma feira livre. Na praia do Flamengo, num domingo de sol, a mulher que não tiver um homem bem forte ao lado ouviu piadas mais grosseiras que é possível imaginar. Alí há crise de mulheres, e os homens se disputam um olhar ou um sorriso com uma ferocidade ridícula (BRAGA, 1937, *Jornal do Commercio*, Segunda Secção, p. 23).

Em um país miscigenado como o Brasil, outras discussões ganharam destaque nos suplementos literários recifenses. Refletir sobre o significado de raça esteve sempre em pauta nesses impressos, como também, em temas sempre co-relacionados. No final dos anos 30 do século XX, por exemplo, o *Jornal do Commercio* na Segunda Secção desconstruía o conceito de “superioridade climática” dos países de população predominantemente branca numa época que raça e desenvolvimento eram sinônimos de região.

O veículo defendia a tese de que os habitantes de países de localização geográfica tropical estariam mais propícios a se adaptarem a outros climas, sejam eles quentes ou frios. Esse pensamento estava em sintonia com a política de valorização do clima e da “raça” tropical, difundido pela política cultural do presidente Getúlio Vargas, que teve ainda como expoente o pernambucano Gilberto Freyre, que foi colaborador de alguns jornais da imprensa recifense, assumindo cargos de chefia, como no *Diário de Pernambuco*.

No artigo *Civilização e Clima*, o médico e sociólogo, Josué de Castro, defendia a tese polêmica de que verdadeira evolução biológica humana estaria na região tropical, discordando, assim, de teorias predominantes no século anterior, como a determinista do alemão Friedrich Ratzel, que condicionava o desenvolvimento de etnias ao clima frio. Para Castro,

O clima tropical não é nem mais nem menos apto a vida humana do que o clima frio. Ou melhor, se quiséssemos tomar cientificamente um partido, seria para afirmar que, dos dois, o mais apto seria o tropical. E que o homem é naturalmente um animal dos climas quentes, progressivamente adaptado às outras espécies de clima. (CASTRO, 1937, p. 29).



O debate teórico em torno do racismo nos suplementos literários ficava, na maioria das vezes, a cargo de comentários de perfis históricos de abolicionistas, a exemplo de Joaquim Nabuco ou de resenhas de livros de antropologia cultural de Camara Cascudo. Mas, o pioneirismo no estudo da representação do negro nos jornais recifenses deve-se, sobretudo, ao sociólogo pernambucano Gilberto Freyre que, na década de 30, publicou o trabalho sobre *O escravo nos anúncios de jornais do século XIX*. Nesse momento, Freyre defendia a idéia da democracia racial e a tradição não-violenta das relações sócio-raciais no Brasil. Esse pensamento foi difundido, ainda, através de outras publicações, a exemplo do clássico, *Casa Grande e Senzala* (1930). Para alguns críticos, a defesa dessa tese, em parte, é fruto da própria origem aristocrata do intelectual. Segundo Schwartz (2001, p. 23),

Grande parte das críticas a Freyre no Brasil durante as décadas de 1950 e 1960 provinha de jovens sociólogos de São Paulo, fortemente influenciados por teorias marxistas e uma visão materialista da sociedade. Menos preocupados com o fenômeno em si, seu principal objetivo era entender a repercussão do escravismo no desenvolvimento geral da economia e, em alguns casos, no sistema subsequente de relações raciais.

Mas, já na década de 80 (século XX), alguns teóricos promoveram uma revisão desse pensamento, principalmente no Estado de São Paulo, com a denominada Escola de Sociologia Paulista, que teve a participação de intelectuais como ex-presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso. Entre as idéias defendidas por esse grupo, destaca-se o estudo e a inserção do negro no mercado de trabalho pós século XIX e o conceito de raça. Nessa perspectiva defende Lilia Moritz Schwarcz,

Nesse país miscigenado, onde o modelo de branco escapava ao alentado perfil anglo-saxônico, as cores tenderam a variar de forma comparativa. Quanto mais branco, melhor. Quanto mais claro, superior. Ai esta uma máxima difundida que vê no branco não só uma cor, mas também uma qualidade social. Conforme o conflito passa para o terreno do subentendido, fica cada vez mais complicado desvendar o problema. Ao contrario, ele se esconde nas brechas do cotidiano, cuja decodificação e, no mínimo, passível de duvidas. (SCHWARCZ, 2001, 49)

Mas, o que poderia ser uma crítica na academia paulista, em Pernambuco, se convertia em elogios. Gilberto Freyre foi um dos grandes personagens dos suplementos literários da imprensa recifense. Seja por seu envolvimento com as redações do Diário de Pernambuco ou Jornal do Commercio, seu nome era unanimidade nas páginas



especiais de literatura. Talvez, ele tenha sido um dos poucos intelectuais pernambucanos que tenha testemunhado o louvor de sua obra nos jornais ao mesmo tempo em que era construtor dessa obra e colaborador da imprensa.

Mas, a história do homem negro e de sua participação na construção da identidade nacional por vezes não era tão propositiva como aparecia nos textos de Freye, pelo menos não em outros artigos da imprensa da nossa cidade. Muito pelo contrário, alguns artigos e contos estavam longe do “açúcar” e dos doces de origem africana de Freyre. Em alguns textos dos suplementos, a relação entre brancos e negros foi representada, por vezes, de forma conflituosa. Essa abordagem, mais preconceituosa, por vezes, aparecia transversalmente em textos literários, a exemplo do poeta Mauro Mota, que foi editor e colaborador do Suplemento do Diário de Pernambuco na década de 50. No conto *Flagrantes do Engenho dos Macacos*, Mota tenta recriar o cotidiano de uma propriedade com escravos negros no interior de Pernambuco do século XIX. Na narrativa, alguns aspectos devem ser mencionados, a exemplo do proprietário da fazenda Zilde de E. Maranhão, graduado em direito, que perde suas “prerrogativas literárias e jurídicas” quando vai realizar penitencias nos seus empregados de cor. Indagou o “Major Izido do Macaco”,

Quem é o filho? Sou eu. Apresente o lombo, insubordinado. Quem é o pai? Sou eu. Meta-lhe o pau. (...) Sem a menor resistência, o caboclo Barreto levou a mais tremenda surra de sua vida. Foi para casa como carne batida para bife. Era só botar sal e vinagre. (MOTA, 1949, p. 2).

O reconhecido poeta pernambucano ainda publicou outros artigos que estariam numa “região de fronteira” entre literatura e história política. No artigo *Arianismo caboclo*, Mauro Mota assinala que foi publicada pelo congresso nacional uma lei que consideraria uma contravenção o preconceito de cor no Brasil. Ele relata que, em 1950, houve um episódio do qual duas artistas, a bailarina internacional, Katherine Dunham e a cantora Marion Anderson, tiveram dificuldades para se hospedar na cidade do Rio de Janeiro por problemas de “epiderme”, ou seja, pela cor. Escreveu Mota,

Nada mais odioso e ao mesmo tempo ridículo do que esse europedismo querendo vingar neste país não apenas essencialmente agrícola. Essencialmente mestiço também. Ninguém se deixe impressionar pelas estatísticas que apontam como pertencente a raça branca metade da população brasileira. A realidade indica-nos como um povo ainda em formação e ainda em busca de seu tipo definitivo. (MOTA, 1951, P. 3)

No mesmo artigo, Mauro Mota critica as pessoas responsáveis pelo constrangimento passado pelas artistas. Segundo ele, “certos mulatos sararas com pretensões a racistas”. É bom destacar um dos recursos utilizado pelo autor em sua construção textual - o uso do termo “epiderme” em analogia as pessoas que teriam descendência africana, o que releva em seu discurso, recursos textuais que sinalizam um provável preconceito a pessoas de cor. Por outro lado, observamos no texto do poeta, a influência do ideal de embraquecimento até então vigente na sociedade brasileira da década de 50. Pois, para ele, o país estaria numa realidade de “povo em formação”.

Em um sentido diferente, atuava o folclorista potiguar Câmara Cascudo. Em um de seus artigos, no Suplemento Literário da Folha da Manhã, ele narra a história dos pelourinhos, que foram espaços públicos onde escravos negros eram castigados em praças públicas, sobretudo até meados do século XVII. No artigo, ele apresenta algumas capitais nordestinas que possuíam esse “símbolo de justiça e organização municipal das vilas”, citando o pesquisador português Luis Chaves. Em *A significação do pelourinho*, ele apresenta uma ideologia polêmica quanto à função do lugar, acrescentando que não havia “idéia de violência” nem de “crueldade”, pois, antes de ser “castigado” o indivíduo seria julgado pela justiça vigente.

Nenhuma idéia de violência e crueldade podia suscitar o Pelourinho exceto para os criminosos, assassinos, vadios, ladrões, malandros, roubadores do peso em venda, enfim, todos os prevaricadores, todos os violadores da lei, todos transgressores da ordem pública e da tranqüilidade legal. (CASCUDO, 1950, p. 10).

A idéia de Cascudo sobre o pelourinho estava em sintonia com o pensamento do jornal O Estado, do qual ele era colaborador no suplemento Literatura, na década de 30. O jornal de pequenas páginas e poucos anunciantes defendia a volta da monarquia e se baseava nos fundamentos nazifascista do fundador da organização Trabalho, Família e Propriedade Privada (TFP), Plínio Correia de Oliveira. O interessante é que, posteriormente, na década de 90 os suplementos literários abriam destaque para desmistificar certas opiniões do público leitor a respeito de seus antigos colaboradores.

Um desses episódios foi na entrevista concedida à jornalista Lêda Rivas, no suplemento O Pernambuco, pela filha de Camara Cascudo, Anna Maria Cascudo Barreto. Segundo ela, “papai nunca teve preconceito de cor. Negro, branco, mulato, para ele, eram a mesma coisa” (RIVAS, 1998, p. 21). Contemporâneo de Cascudo, Gilberto



Freyre também foi acusado de preconceituoso, ou mesmo racista, por correntes acadêmicas atuais, a exemplo da Escola de Sociologia Paulista. Mas, seja por prestígio ou bairrismo do recifense, esses aspectos não foram levados aos suplementos literários locais.

Destacando esses aspectos, mas sem entrar em polêmicas, a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz reconhece a história da escravidão brasileira como uma página delicada da história do Brasil e defende a sua atualidade nos debates acadêmicos. Essa inclinação, segundo a autora, pode ser percebida pela fragilidade com que os brasileiros se definem em algumas pesquisas, como o senso do IBGE. Fica claro que “o marrom” ou mesmo “o pretinho” são reflexos de um preconceito histórico construído ao longo dos séculos, inclusive o século XX, e que de alguma forma, os suplementos literários contribuíram, num certo sentido, para sua reprodução.

Considerações finais

O jornalismo cultural brasileiro teve nos suplementos literários do começo do século XX uma grande escola. As grandes páginas de literatura ou mesmo cinema, fizeram parte de uma experiência isolada da imprensa brasileira. Algumas experiências continuaram com o passar dos anos, como o suplemento O Pernambuco, do Diário Oficial, que de 1925 até hoje circula na capital pernambucana. Claro que, para sobreviver, esse suplemento originalmente com um viés literário, sofreu mudanças, inclusive em seu título. Hoje, ele se caracteriza como um suplemento cultural, como cadernos de cultura da maioria dos jornais impressos brasileiros

O que chamou a nossa atenção, nos suplementos recifenses, foi a produção dos artigos que tinha como protagonistas a mulher e o negro, ainda que essas produções tenha sido tímidas, é significativo constatar que algumas barreiras e até preconceitos foram quebrados ao permitir que temas relacionados a esses protagonistas fosse abordados, sobretudo, por serem consideradas, ainda hoje, como duas categorias marginais – no sentido de estarem à margem de algumas decisões e participações no processo de construção político-cultural do Brasil. Nesse sentido, notamos que a análise do discurso é uma ferramenta importante para percebermos o quanto um texto literário pode revelar detalhes do pensamento e do comportamento de uma dada sociedade e, no caso da nossa, em veloz transformação.



No caso do Diário de Pernambuco, por exemplo, observamos que o jornal, além de ser um dos pioneiros no que se refere a produção de suplementos literários, também foi um terreno fértil em crônicas e artigos que tinha como objetivo revelar uma cultura escravista que estava na memória do recifense ainda no século XX.

Mas, essa dificuldade em lidar com o passado da escravidão está longe de ser um problema apenas da imprensa. Estudiosos como a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz destacam que o passado da escravidão brasileira é uma página delicada da história nacional, mesmo com a Lei Áurea datada no fim do século XIX. Essa fragilidade, segundo a autora, pode ser percebida pela fragilidade com que os brasileiros se definem em algumas pesquisas, no senso do IBGE. Fica claro que “o marrom” ou mesmo “o pretinha” são reflexos de um preconceito histórico construído ao longo de nossa história e que, de alguma forma, os suplementos literários, em alguns momentos, contribuíram para a idéia do embranquecimento.

As dificuldades que os brasileiros expressam para classificar sua própria cor também são atestadas pelo próprio papel social da mídia que, ainda, em alguns casos, associa a figura do negro a estereótipos como o malandro, ou mesmo a mulher, na condição de símbolo sexual - tom preconceituoso que faz parte do imaginário coletivo construído pelo processo histórico brasileiro. Exemplo hoje são alguns jornais da imprensa recifense, como o popular Aqui PE, que traz pôsteres de mulheres seminuas como suplemento dominical.

Mas, nem toda a história é aquilo que está a olhos vistos. A história da “ausência” também é um fator importante. Por exemplo, casos como o da homossexualidade feminina em plena década de 90 eram descritos nos suplementos literários de forma preconceituosa, o que mostra como o jornalismo, mesmo o cultural, conhecido como “mais leve” e menos preconceituoso, ainda sofre carência com o tipo de conteúdo que produz, nem sempre de qualidade. Por outro lado, na trilha dos invisíveis, o negro também ficou como personagem secundário dos inúmeros artigos de história dos suplementos, sobretudo, o da Folha da Manhã, que tinha um viés voltado para as produções historiográficas de época nas décadas de 40 e 50.

Entretanto, alguns avanços podem ser apontados. O negro já não é o mesmo escravo ou ex-escravo caricaturado levando chicotadas e que figura entre os contos da década de 50, a exemplo da produção de Mauro Mota. E a mulher, graças ao avanço na democratização do acesso ao mercado de trabalho, não só escreve nos jornais e suplementos, como edita alguns, a exemplo da jornalista Lêda Rivas, do suplemento O



Pernambuco. Mas, se os negros não são mais o escravos dos suplementos literários, eles começam a ganhar as páginas policiais, atestando que a marginalização tem cor no Brasil. Já a mulher, mesmo tendo a capacidade de editar um caderno ou suplemento literário, ainda divide seu espaço com a tradicional dicotomia que persegue seu gênero, da dona de casa à rebelde hollywoodiana.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- CASTRO, Josué. **Civilização e Clima**. *Jornal do Commercio*. Segunda Secção. Recife, 3 de abril de 1937.
- CASCUDO, Câmara. **A significação do pelourinho**. *Folha da Manhã*, Segunda Secção. Recife, 1 de janeiro de 1950.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discursos das mídias*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MOTA, Mauro. **Flagrantes do Engenho dos Macacos**. *Diário de Pernambuco*. Suplemento. Recife, 13 de março de 1949.
- _____, **Arianismo caboclo**. *Diário de Pernambuco*, Suplemento. Recife, 8 de julho de 1951.
- PROMETEU UMA FORTUNA, mas só deixou dívidas**. *Jornal do Commercio*. Segunda Secção. 22 de dezembro de 1940.
- QUINTAS, Amaro. **Quem tem medo de Virgínia Woolf?** *O Pernambuco*. Recife, 14 de novembro de 1986.
- SCHMITT, Jean-Claude. *A história dos marginais*. IN LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____, *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- SCHWARTZ, Stuart. *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru, SP, Edusc, 2001.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- RIVAS, Leda. **A dama da resistência**. *O Pernambuco*. Recife, Janeiro/fevereiro de 1998.
- _____, **Orgulho de ser Câmara Cascudo**. *O Pernambuco*. Recife, Outubro/novembro de 1998.